HOMERO
ODISSÉIA

HOMERO

# ODISSÉIA

Doado a
biblioteca do
centro cultural
de M. Claro
19.3.2012

Marcelo
Rabelo
Ramos

PATROCÍNIO CULTURAL
SUZANO
Uma empresa que assume o seu papel.

O prazer de ler é resultado de estímulos constantes, que aos poucos se torna uma questão de gosto, de escolha pessoal, de atitude.

Para chegar a essa escolha é necessário ter acesso ao livro, depois vem o entendimento de que se trata de uma janela por onde acessamos séculos de conhecimento; é brinquedo que não acaba, é viajar sem sair do lugar, é o mundo na ponta dos dedos que se descortina em um virar de página.

Ler, entender, refletir, escrever, transformar. O livro é o passaporte para o autoconhecimento, para aprender a ler o mundo, viabiliza conquistas individuais e coletivas, inspira transformações, dá voz às idéias.

Investir em ações que promovem o livro é investir na formação de cidadãos, é contribuir para a construção de um país mais justo. Não há como discordar de Monteiro Lobato: "Um país se faz com homens e livros".

Por isso existe o programa Ler é Preciso: transformando a leitura no meio para transformar leitores em protagonistas da história, através da implantação da Biblioteca Comunitária, capacitação de promotores de leitura e promoção de Concursos de Redação. Incentivar o hábito de leitura é traçar um futuro diferente e melhor para todos e cada um de nós.

*Nosso papel não se esgota nas páginas desta magnífica coleção de Obras-Primas. É um orgulho patrocinar esta obra e torná-la acessível a um número cada vez maior de leitores brasileiros.*
*Além do papel utilizado nesta coleção, produzimos vários outros tipos de papel que podem ser usados nos segmentos: promocional, embalagem e, é claro, editorial.*
*Um outro importante segmento é o de imprimir e escrever, em que atuamos com a marca Report®, para reproduções de alta qualidade, além da grande inovação: papel Reciclato®, o primeiro papel offset brasileiro 100% reciclado em escala industrial, o que demonstra nosso empenho em estar sempre nos aprimorando para oferecer o que há de melhor em papel para todos os tipos de consumidor.*
*Mas a Suzano tem outros importantes papéis a desempenhar na sociedade.*
*O papel ambiental: preocupados com a preservação do meio ambiente, utilizamos única e exclusivamente recursos renováveis para a obtenção de nossos produtos. Florestas de eucaliptos são plantadas com o fim de produzir nossa matéria-prima, a celulose, e reciclamos o próprio papel impresso.*
*O papel social: criamos uma organização não-governamental (ONG) denominada Instituto Ecofuturo, criada para promover o desenvolvimento sustentável, do qual faz parte a ação "Ler é Preciso", que promove a leitura no país.*
*O papel industrial: temos milhares de colaboradores e fornecemos papel para milhões de consumidores.*
*Acredito que isso dê a dimensão do nosso compromisso, que só pode ser cumprido com padrão de qualidade de nível mundial em tudo que fazemos.*
*Desempenhar nossos papéis é tudo o que nos faz fortes, competitivos e, ao mesmo tempo, próximos de nossas comunidades e da natureza.*

*Murilo Passos*
Diretor-Superintendente

HOMERO

# ODISSÉIA

*Tradução*
*Antônio Pinto de Carvalho*

*Introdução e notas*
*Médéric Dufour*

# ÍNDICE

*Introdução* .................................................. 9

Rapsódia I — Invocação à Musa. — Assembléia dos Deuses. — Exortação de Atena a Telêmaco. — Banquete dos pretendentes. .................................................. 15

Rapsódia II — Assembléia dos Itacenses. — Partida de Telêmaco. 28

Rapsódia III — Estada em Pilo .................................................. 39

Rapsódia IV — Estada em Lacedemônia .................................................. 52

Rapsódia V — A gruta de Calipso. — A jangada de Ulisses. ....... 72

Rapsódia VI — Chegada de Ulisses à terra dos Féaces .............. 84

Rapsódia VII — Entrada de Ulisses no palácio de Alcino ........... 92

Rapsódia VIII — Recepção de Ulisses pelos Féaces .................. 100

Rapsódia IX — Narrações de Ulisses: Cícones. — Lotófagos. — Ciclopes. .................................................. 114

Rapsódia X — Éolo. — Os Lestrigões. — Circe. ......................... 128

Rapsódia XI — Evocação dos mortos .................................................. 142

Rapsódia XII — Sereias. — Cila. — Caribdes. — Vacas de Hélio ... 157

Rapsódia XIII — Partida de Ulisses da ilha dos Féaces. — Sua chegada a Ítaca. .................................................. 169

Rapsódia XIV — Diálogo de Ulisses e Eumeu .............................. 180

Rapsódia XV — Chegada de Telêmaco à choupana de Eumeu .... 193

Rapsódia XVI — Telêmaco reconhece Ulisses .............................. 207

Rapsódia XVII — Regresso de Telêmaco à cidade de Ítaca ......... 219

Rapsódia XVIII — Pugilato de Ulisses com Iro ............................ 233

Rapsódia XIX — Colóquio de Ulisses e de Penélope. — A lavagem dos pés. .......... 243
Rapsódia XX — Antes da matança dos pretendentes .......... 258
Rapsódia XXI — O Arco de Ulisses .......... 268
Rapsódia XXII — A matança dos pretendentes .......... 280
Rapsódia XXIII — Penélope reconhece Ulisses .......... 293
Rapsódia XXIV — Na morada de Hades. — A paz. .......... 303
Bibliografia .......... 317

# INTRODUÇÃO

*Das duas epopéias que se encontram na origem da literatura grega, uma ilustra o poder de expansão da raça: evoca o estabelecimento dos gregos na costa da Ásia; graças à* Ilíada, *a guerra de Tróia, um dos mais notáveis episódios dessa empresa, passou a ser o acontecimento simbólico da força conquistadora dos helenos. A segunda epopéia focaliza outra qualidade dos mesmos helenos: a faculdade de adaptação que, acrescentada ao espírito de aventura, fez que esse povo apegado à terra se vergasse de tal forma a novas condições de existência que, mal despertou para a poesia, se revelou capaz de conceber e de apreciar o poema do mar, que é a* Odisséia.

*Quando descem das regiões do norte, os Aqueus ignoram tudo sobre o mar, e parece até que, em sua língua, não possuem termo que o designe. Mas o mar solicita-os de todos os lados, nessa nova região, onde se insinua mediante baías inumeráveis, onde as ilhas balizam o largo, onde a limpidez do ar parece tornar ainda mais próximas as costas vizinhas. Respondem os gregos ao seu apelo, e, a fim de se treinarem na arte da navegação para a qual o mar os convida, encontram entre eles mestres que os precederam nas paragens do mar Egeu. Não é aos fenícios, embora freqüentemente lhes tenha sido atribuída tal honra, mas aos egeus que os gregos devem as primeiras noções e os rápidos progressos numa arte que anteriormente desconheciam.*

*Sob muitos outros respeitos, os gregos são tributários dos egeucretenses, de que mais tarde só guardavam vaga recordação mas cuja brilhante civilização se cruza ainda, durante o período micênico, com a contribuição propriamente helênica. Os Aqueus, mantendo embora sua língua e suas divindades, sua organização feudal e familiar, sofrem, até no domínio social e religioso, a influência daqueles que vão suplantar. E deles tomam muita coisa, principalmente no que tange à vida prática: a eles recorrem para decorar seus formidáveis palácios; por eles são instruídos no cultivo da vinha e da oliveira; deles, enfim, aprendem os segredos*

*da navegação; e, por seu turno, logo se tornam "povos do mar", como, desde o século XIII a.C., são designados nos textos egípcios.*

*No século seguinte, chega o último bando de invasores, os Dórios, que vão instalar-se na Tessália, na Grécia Central, no Peloponeso, em Creta, recalcando os Aqueus e fazendo suceder, ao brilhantismo do período micênico, os tempos obscuros da "Idade Média" helênica. Mas os Aqueus buscam, por mar, refúgio na Ásia e, nesse solo, onde seus antepassados haviam sido vencedores, evocam, em dias menos felizes, a recordação dos feitos pretéritos. Seus aedos celebram-lhes as façanhas gloriosas e, reatando, por essa forma, o presente com o passado anterior à invasão dórica, contribuem para que, por alturas do século IX a.C., floresça, na Eólida e na Jônia, a epopéia homérica, manancial de toda a poesia grega.*

*Foram estas, segundo parece, as condições e a época em que essa epopéia foi escrita; todavia, é fácil entrever nela vestígios de mais remotas eras... O poeta da* Odisséia *recebe, de uma linhagem de aedos precedentes, as fórmulas métricas que também se adaptam ao fim do verso hexâmetro, as comparações, as perífrases que, no transcurso dos anos, se foram enriquecendo com as inovações e contribuições de cada um, a arte da composição épica, a um tempo oratória e narrativa, a versificação engenhosa e maleável, e a língua compósita, instrumento de arte, diversa da linguagem falada. Certos vocábulos remontam a um passado tão distante que o sentido deles há muito se obscureceu: o poeta explica-os à sua maneira, segundo etimologias pouco seguras; Atena "de rosto de coruja" converte-se, para ele, em deus "de olhos brilhantes", atribui a Hera somente os grandes olhos, e não a cabeça de vaca de que era provida; e quanto a Argifontes, o meteoro "de deslumbrante alvura", ele o transforma em "mensageiro rápido".*

*O poeta deve ainda a seus predecessores o dado e, sem dúvida, o escorço do poema: na* Odisséia *que chegou até nós, discernimos os elementos de uma obra mais arcaica e rudimentar, inspirada no labor e nos perigos, bem como nas aventuras maravilhosas ou terríveis dos homens do mar. Nosso texto o deixa pressentir, inicialmente, em numerosas descrições técnicas, onde acompanhamos a manobra e a ancoragem, onde vemos o marujo erguer o mastro e soltar a vela, ou, acostando à margem pela popa, escorar na areia a embarcação que trouxe para terra. Essas minúcias, de que está repleta a nossa* Odisséia, *aproximam-na das eras remotas em que os Aqueus se iniciavam na arriscada arte de navegar.*

*Mas eis que, depois de uma cabotagem prudente ao longo das costas, ou uma breve travessia até a ilha próxima, ousam contornar os*

*promontórios do Peloponeso, Ítaca,*[1] *rochedo descalvado, com Zacinto e Same, assinala a oeste da Grécia a linha divisória entre as águas do Levante, mais familiares, e as do Poente, envolvidas em mistério e terror. Daí procede sua importância, e de suas margens partiu o varão audacioso que não teme transpor, entre os dois fatídicos penhascos, o estreito de Cila e Caribdes. Penetra no mar Tirreno, povoado de monstros, de prodígios; e, como todos os que vão para longe, ele traz de suas viagens narrativas maravilhosas, que formam o núcleo originário da primeira* Odisséia.

*Cheia de estranhas proezas, ela assemelhava-se menos a uma epopéia que a um conto... E essa característica se mantém em vários passos das narrativas no palácio de Alcino, as quais formam a segunda parte do poema. Em nenhuma parte essas narrativas nos mostram Atena, a prudente deusa que, entretanto, no resto do poema, ilumina a ação e vela pela salvação do herói. Encontramos, porém, nesse primitivo núcleo, um maravilhoso mais estranho: o do mar desconhecido, que conduz o mareante até aos unioculados Ciclopes, à ilha de Éolo na qual os ventos são encarcerados, aos Lestrigões e às Sereias, a Caribdes e Cila; o das potências mágicas encarnadas em Circe que metamorfoseia em porcos os companheiros de Ulisses, depois os restitui à primeira forma, e revela ao herói o segredo de evocar os mortos.*

*No entanto, a este maravilhoso se juntava já o interesse da verdade humana. Estes contos se enxertavam numa aventura simples, tomada da vida: a aventura do marinheiro que se afasta para longa viagem deixando no lar a esposa e um filho recém-nado. A tempestade, a escala forçada, os piratas o retêm longe da pátria durante tanto tempo que o julgam "morto". No lar, a esposa porta-se com dignidade; mas, por um lado, sua formosura, e, por outro lado, os bens familiares atraem a cobiça de pretendentes; o filho é ainda demasiado jovem para afastá-los. O marido regressa, quando já se tinha desvanecido a esperança de sua volta, e reaparece em casa como vagabundo desconhecido.*

1 Onde se deve situar a ilha de Ulisses? Depois de haver sido, durante séculos, identificada com a ilha que conserva o nome da antiga Ítaca — Thiaki —, identificaram-na com Lêucade (Doerpfeld); outros pensam ser a ilha de Corfu (Lentz-Spitta, Hennig). Talvez seja prudente continuar a identificá-la com Thiaki (Seure). Convida-nos a isso o nome da ilha, embora a fixidez dos nomes topográficos não seja absoluta: seu aspecto concorda bastante bem com as indicações do texto homérico; e, se a mediocridade de seus recursos e de sua extensão parece constituir uma objeção, convém não esquecer que o reino de Ulisses, longe de se confinar apenas a Ítaca, tira das ilhas vizinhas seu poder e riqueza.

*Pode imaginar-se, e a vida o tem dado, mais de um desfecho para esse tema, tão antigo e tão freqüentemente retomado. O desfecho apresentado pela* Odisséia *será cruel: o desconhecido, insultado em sua casa pelos que lhe requestam a esposa, revela sua identidade e chacina os rivais.*

*Se procurarmos em que a nossa* Odisséia *difere desse esboço, verificamos ter havido um enriquecimento e uma transformação. A obra enriqueceu-se com a observação humana, e a variedade dos caracteres que nos apresenta permite encontrar nela uma imagem do povo que assistiu à sua formação. A intervenção dos deuses, apesar de muito freqüente, não contraria em nada a verdade do quadro. Muito embora o regresso de Ulisses seja objeto da constante preocupação de Atena, nem por isso o herói deixa de atuar como se estivesse sozinho e tivesse apenas de contar consigo próprio. Nele e nos que se movimentam em redor dele, vemos viver e se manifestar uma raça ainda jovem, pronta a violências, engenhosa até o ardil, bem-dotada pela palavra, capaz de belos sentimentos: a amizade, a fidelidade ao amo, ao esposo, o respeito para com o suplicante, a generosa hospitalidade; medíocre em seu ideal, que mal se ergue acima da vida alegre e fácil dos príncipes feácios na ilha de Esquéria. Perpassam igualmente ante nossos olhos os aspectos diversos das paisagens: a costa rochosa ou baixa, o mato, a floresta, o inconstante mar, e o quadro de uma civilização já brilhante, mas ainda grosseira, onde o luxo apurado se combina com a simplicidade primitiva, até mesmo com uma repugnante falta de asseio.*

*O poeta vai mais além, e transforma a matéria que tem entre as mãos. Ansioso por afiançar à* Odisséia *o êxito obtido pela* Ilíada, *conferelhe um caráter misto, entrelaçando em larga escala, no poema marinho, recordações do poema de guerra.*

*Pois o viajante, que ele conduz a terras estranhas, é um dos heróis da guerra de Tróia, é Ulisses "saqueador de cidades", o qual, embora não figure no primeiro plano da* Ilíada, *nela é freqüentemente mencionado. Por esta escolha o poeta relaciona as duas epopéias. A esposa de Ulisses, a prudente Penélope, opõe-se à esposa infiel — senão verdadeiramente culpada — Helena, que na* Ilíada *é causa inicial da guerra, e também à esposa conjugicida, Clitemnestra, que assassinará o Atrida vencedor de Tróia, quando esse regressa ao lar; Telêmaco, lutando com Ulisses, para restituir a este o seu reino, opõe-se ao triste Orestes, a quem o pai nem sequer reviu. Ainda por estas antíteses entre a filha de Icário e as filhas*

*de Leda, entre o filho de Ulisses e o de Agamémnon, a* Odisséia *está intimamente ligada à* Ilíada.

*Os desenvolvimentos novos com os quais o poema se amplia tendem para o mesmo fito: nas quatro primeiras rapsódias, a viagem de Telêmaco a Pilo e a Esparta não é imaginada apenas para focalizar os amáveis dons que a juventude irradia no filho de Ulisses, nem para preparar habilmente, pelos elogios que lhe são tecidos, a entrada em cena do herói principal: permite ao poeta introduzir na* Odisséia *dois companheiros de armas de Ulisses, dois personagens da* Ilíada, *Nestor e Menelau, e ainda Helena. As narrativas contadas por Menelau a Telêmaco são novo expediente para imiscuir ao poema outros heróis da famosa guerra: Ájax, filho de Oileu, que sucumbe ao naufrágio, Agamémnon, vítima do adúltero Egisto.*

*Nas narrativas no palácio de Alcino, um dos episódios mais importantes é a Evocação dos Mortos, na Rapsódia XI. Ora, depois do adivinho Tirésias e de Anticléia, mãe de Ulisses, aqueles que perpassam mais demoradamente ante o herói, e cujo diálogo é contado, são gregos que se notabilizaram em Tróia: Agamémnon, Aquiles, Ájax, cuja presença à beira do rio Oceano evoca ao espírito as margens do Escamandro.*

*E, na última parte do poema, a prova do arco, a matança dos pretendentes e dos servidores infiéis são cenas de guerra, onde uma vez mais transparece a influência da Ilíada.*

*Assim transformada, a* Odisséia, *nada perde de sua harmonia: os combates em terra alternam com as aventuras no mar; contos antigos imiscuem-se ao quadro de uma civilização ulterior; mas entre esses elementos diversos manteve-se a unidade. Deveremos nela ver a interferência de vários poetas? Sabe-se que a crítica, depois de se haver empenhado, durante mais de um século, a partir dos trabalhos de Wolf, em suprimir Homero e atribuir sua obra a muitos aedos desconhecidos, agora, por processo inverso, tende a lhe restituir os poemas que lhe eram atribuídos pela tradição. E a reação nesse sentido é tão forte que, por sua vez, parece ser excessiva.*

*Embora a divisão nítida da* Odisséia *em três partes — viagens de Telêmaco, Ulisses no palácio de Alcino, vingança de Ulisses — sugira a idéia de estes três desenvolvimentos não serem da mesma autoria, contudo é justo notar que eles formam um todo, pois o objeto do poema é definido, e o desfecho até já se encontra anunciado logo no princípio, na advertência dirigida por Telêmaco aos pretendentes; e, além disso, a* Odisséia *só termina verdadeiramente na Rapsódia XXIV, pela paz firmada entre Ulisses vencedor e os parentes de suas vítimas.*

*Se, por outro lado, as manifestas desigualdades artísticas, as incoerências, o palavrório cansativo nos induzem, não sem motivo, a admitir numerosas e lamentáveis interpolações num belo texto, importa relembrar igualmente que os nossos cânones estéticos não são os dos tempos homéricos, e que a preocupação da obra perfeita, concluída em todos os pormenores, quase não se impõe ainda ao poeta: após ter revelado todos os recursos de sua arte numa narrativa, ele pode cerzir, num estilo desleixado, uma outra que lhe interesse menos, pode igualmente o nosso gosto achar que se repetem demasiadas vezes trechos que, entretanto, ele sabe serem apreciados pelo seu auditório.*

*Muita perspicácia e muita ciência têm sido gastas em sublinhar as diferenças, pôr em relevo as contradições, em eliminar os pontos fracos. Embora nem sempre conduzam a resultados certos, merece toda a admiração semelhante esforço, o mais brilhante testemunho do qual é a obra crítica de V. Bérard. Com a condição, porém, de não nos impedir de aceitar e de ler o poema na íntegra, de ver na* Odisséia *um todo, mais do que um agregado e, consoante a expressão de Jean Moréas, "de nos entregarmos a Homero com um coração puro".*

*O texto seguido é o de Thomas W. Allen (Oxford, 1907). No início das rapsódias são mantidos os nomes tradicionais, dados pelos antigos aos episódios contidos em cada uma delas, títulos venerandos e mais expressivos que as vinte e quatro letras do alfabeto grego, adotadas na época alexandrina para designar as diversas partes do poema.*

# RAPSÓDIA I

Invocação à Musa. — Assembléia dos Deuses.
— Exortação de Atena a Telêmaco. — Banquete dos pretendentes.

***SUMÁRIO:*** *Invocação à Musa. Os Deuses reúnem-se em assembléia, estando Posídon*[1] *ausente, e, a pedido de Atena, decidem o regresso de Ulisses. Atena dirige-se a Ítaca, disfarçada na figura de Mentes, rei dos Táfios. Recebida por Telêmaco, ergue-lhe o ânimo e aconselha-o a se dirigir a Nestor, na arenosa Pilo, e a Menelau, em Esparta, a fim de aí obter notícias de seu pai. Telêmaco, reconfortado, ordena à sua mãe Penélope, que descera para ouvir o rapsodo Fêmio, que volte ao seu aposento; e, em seguida, convoca os pretendentes para uma reunião na ágora no dia imediato, para lhes comunicar suas resoluções. Ao anoitecer, todos se retiram para descansar.*

Canta para mim, ó Musa, o varão industrioso que, depois de haver saqueado a cidadela sagrada de Tróade, vagueou errante por inúmeras regiões, visitou cidades e conheceu o espírito de tantos homens;[2] o varão que sobre o mar sofreu em seu íntimo tormentos sem conta, lutando por sua vida e pelo regresso dos companheiros. Mas, ai! nem assim logrou satisfazer seu desejo de salvá-los: pereceram, em conseqüência de sua

1 Na tradução dos nomes próprios é possível que certos críticos opinem que nos afastamos bastante do critério comumente aceito. Desejaríamos saber, em concreto, qual seja esse critério, pois, se bem examinarmos a tradição literária portuguesa, estamos muito longe de encontrar inteira uniformidade na transliteração dos nomes próprios latinos e principalmente gregos. Aliás, o contato com os textos da antiguidade greco-latina, durante mais de quarenta anos, nos tem mostrado essa dificuldade. Pensamos em transliterar esses nomes pura e simplesmente com caracteres portugueses, segundo o uso hoje corrente em muitos países cultos. Preferimos não fazê-lo. Seguimos então, de ordinário, o *Onomástico*, acrescentado em apêndice ao *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa,* da Academia das Ciências de Lisboa (1940). Quanto aos nomes não incluídos nesse *Onomástico*, procuramos ter em conta a etimologia, na medida do possível, na certeza todavia de que não lograremos contentar, em tudo, a "gregos e troianos". (N. do T.)

2 Estes três primeiros versos, que se aplicam a Ulisses, anunciam toda a *Odisséia*. O mesmo não acontece com os seis versos seguintes.

cegueira, os insensatos que devoraram os bois de Hélio Hipérion.[1] O qual os privou do dia do regresso. Deusa, filha de Zeus, conta-nos, a nós também, algumas destas façanhas,[2] começando onde quiseres.

Encontravam-se já na pátria todos os outros heróis que, na guerra ou sobre as ondas do mar, haviam escapado à morte violenta. Ulisses era o único[3] que todavia ansiava pelo regresso e pela esposa, retido como estava em gruta profunda pela veneranda ninfa Calipso, deusa entre as deusas, que ardia no desejo de o tomar como esposo. Mas quando a roda do tempo chegou ao ano em que os deuses haviam fiado sua volta ao lar, em Ítaca, nem sequer então, e na companhia dos entes queridos, ele chegou ao fim de suas provações. Todos os deuses o lastimavam, com exceção de Posídon, o qual com rancor implacável perseguia o divino Ulisses até seu regresso ao país natal.

Ora, o deus tinha ido à longínqua região dos Etíopes,[4] povo que habita nos confins da terra e que se reparte em dois ramos — um a poente e outro a nascente. Aí, assistia com prazer, sentado à mesa do festim, a uma hecatombe de touros e de cordeiros, enquanto os demais deuses se reuniam em assembléia no solar de Zeus Olímpico. O primeiro a dirigir-lhes a palavra foi o Pai dos homens e dos deuses. Pairava-lhe na mente a recordação do irrepreensível Egisto, morto pelo famoso Orestes, filho de Agamémnon; estimulado por ela, assim falou aos Imortais: "Ah!, de que maneira os mortais censuram os deuses! A dar-lhes ouvidos, de nós provêm todos os males, quando afinal, por sua insensatez, e contra vontade do destino, são eles os autores de suas desgraças. Haja vista Egisto que, indo de encontro ao destino, desposou a legítima mulher do Atrida e matou este logo após o regresso, sabendo entretanto que uma cruel morte o aguardava; pois que nós próprios anteriormente, por meio de Hermes,

1 Hipérion significa o Alto: é o epíteto consagrado a Hélio, o Sol.

2 Afora os três primeiros versos, esta invocação constitui um programa; mas só anuncia o grupo de rapsódias que desenvolve, desde o início da Rapsódia V até a Rapsódia XIII, os efeitos da ira de Posídon, isto é, as Narrativas de Ulisses no palácio de Alcino. Ignora, ao mesmo tempo, a Telemaquia e as aventuras de Ulisses, após sua chegada a Ítaca (XIII, até ao fim do poema).

3 Adotamos o nome do herói autorizado pela tradição. Mas o poema, que narra suas aventuras, chama-se *Odisséia,* e o aedo faz um jogo de palavras entre Odisseu e um verbo que significa: guardar ressentimento.

4 O nome de Etíopes significa propriamente: os Caras-queimadas ou, por outras palavras, os Negros, até aos quais já tinham penetrado as caravanas, que estabeleciam a ligação do Níger Médio com o Nilo Médio (região das cataratas). Eram tidos na conta de povos piedosos, cujos deuses amavam os sacrifícios.

o vigilante Argifontes,[1] o havíamos dissuadido de o matar e de lhe cortejar a esposa, uma vez que Orestes, logo que se tornasse adolescente e sentisse saudades da pátria, vingaria a morte do Atrida, seu pai. Estas, as palavras de Hermes, que não conseguiram vergar o ânimo de Egisto, o qual agora expiou de uma vez todos os seus crimes".

Atena, a deusa de olhos brilhantes,[2] respondeu-lhe: "Filho de Crono, meu pai, dominador supremo, muito justa foi a morte que derrubou esse homem, e morra como ele todo aquele que praticar crimes da mesma espécie!

Confrange-se-me porém o coração, ao relembrar o prudente Ulisses, esse infeliz que há tanto tempo sofre, longe dos entes queridos, numa ilha circundada pelas ondas, que emerge do meio do oceano. A ilha é coberta de árvores; lá reside uma deusa, filha de Atlas, deste espírito malévolo que conhece os abismos de todo o mar e sustenta sozinho as potentes colunas que separam a terra do céu. Sua filha retém cativo o infeliz que se desfaz em lamentos, de contínuo empenhada em seduzi-lo com expressões de ternura e de lisonja, no intuito de levá-lo a se esquecer de Ítaca. Mas Ulisses, ansioso por contemplar, mais que não fosse, a fumaça que se evola de sua terra, suspira pela morte. E teu coração, ó rei do Olimpo, permanecerá insensível? Acaso não te comprazias nos sacrifícios que Ulisses te oferecia, junto às naus dos Argivos, na vasta planície de Tróade? Por que motivo, pois, ó Zeus, te mostras tão irritado contra ele?"[3]

Zeus, amontoador das nuvens, em resposta lhe volveu: "Minha filha, que palavra te escapou da barreira dos dentes?[4] Como poderia es-

1 Argifontes. É o nome composto, de significado não claro. É inadmissível o sentido de "assassino de Argo", visto a lenda de Argo ser de data posterior aos poemas homéricos.

2 Alguns intérpretes (p. ex., V. Bérard) traduzem por "de olhos garços" o epíteto de Atena, mas, segundo pensamos, sem razão. O vocábulo significa, não a cor dos olhos, mas o fulgor do olhar. Quando, na *Ilíada*, Atena se coloca atrás do filho de Peleu, para impedir que ele fira Agamémnon, lemos: "Aquiles foi tomado de espanto; voltou-se e reconheceu imediatamente Palas Atena, cujos olhos despediam terríveis fulgores".

Na idade dos clãs e dos totens, os deuses helênicos podiam ter cabeças de animais, tal como as divindades egípcias. Então o sentido era: Atena de olhos de coruja. De fato, a coruja continuou sendo um atributo de Atena. Mas, de há muito, havia sido esquecido o sentido primitivo. Os poetas devem ser interpretados de acordo com as crenças de seu tempo (Cf., entretanto, *Iliade*, trad. E. Lasserre, Paris, Garnier, nota 10).

3 O nome Odisseu e o verbo que significa: guardar ressentimento, prestam-se ao trocadilho. Os gregos apreciavam tais jogos de palavras, e os poetas, mesmo os mais sérios, não só não os desdenhavam como também, por vezes, neles se compraziam (Cf. nota 3, pág. 16).

4 "Barreira dos dentes". Locução empregada quando uma personagem deixou escapar dos lábios uma palavra que teria sido preferível reter.

quecer-me do divino Ulisses, que a todos os mortais supera em inteligência e que, mais que nenhum outro, ofereceu sacrifícios aos deuses imortais, habitantes dos imensos páramos celestes? Mas Posídon, portador da terra,[1] sente contra Ulisses pertinaz rancor, por causa de um dos Ciclopes, a quem ele vazou o único olho, ou seja, por causa do divino Polifemo, o mais forte de todos os Ciclopes: tivera por mãe a ninfa Toosa, filha de Fórcis, um dos deuses-conselheiros do mar incansável;[2] ela entregara-se a Posídon numa gruta côncava. E é por isso que Posídon, o sacudidor da terra, embora não tenha matado Ulisses, fá-lo errar longe da pátria. Pois bem! Todos quantos aqui nos encontramos vamos examinar a maneira de lhe assegurar o regresso. Quanto a Posídon, nada mais lhe resta que depor sua cólera, uma vez que, sozinho, não poderá opor resistência a todos os deuses imortais".

Respondeu-lhe Atena, a deusa de olhos brilhantes: "Meu pai, filho de Crono, Majestade suprema, se agora apraz aos deuses bem-aventurados que o prudente Ulisses retorne ao lar, enviemos Hermes, o mensageiro Argifontes, à ilha Ogígia,[3] para que sem tardar anuncie à ninfa de belas tranças vosso irrevogável decreto acerca do regresso do paciente Ulisses. Eu própria me dirigirei a Ítaca, a fim de estimular seu filho e incutir-lhe no coração energia bastante para que convoque na ágora os Aqueus de longa cabeleira e expulse todos os pretendentes, os quais não cessam de lhe matar todos os dias grande número de ovelhas e de vacas de retorcidos chifres e de pés tortos. Enviá-lo-ei depois a Esparta, e à arenosa Pilo,[4] a fim de se informar sobre a volta de seu pai e para que entre os homens adquira honrosa nomeada".

1 "Portador da terra". Julgava-se que a terra estivesse assente sobre o mar. O epíteto poderia ser também interpretado: "que abarca a terra".

2 "Incansável". O vocábulo parece significar etimologicamente: "que não pode cansar-se", "sempre ativo". Os antigos interpretavam "sem messes", "que não se cobre de messes"; e esta interpretação, geralmente rejeitada, não deve ser totalmente desprezada. Daí se tirou o sentido de "estéril", que parece ser inexato, porque o epíteto opõe apenas os aspectos diferentes, e não os recursos, da terra e do mar.

3 "A ilha Ogígia". É preferível decalcar em português a palavra grega, a qual parece ser adjetivo, mais do que substantivo. Calímaco, no Hino a Delos, aplica-a à ilha de Cos, que não é, evidentemente, a de Calipso. Onde se encontrava esta ilha de Calipso? Ao certo, apenas sabemos que ela se encontrava muito longe. Ulisses, secundado por vento favorável, levará dezoito dias para cobrir a distância que a separa de Esquéria, ou seja, provavelmente de Corfu. Como é sabido, V. Bérard pensou haver encontrado na costa de Marrocos a ilha de Calipso — a qual, segundo Hennig, seria a ilha da Madeira.

4 A arenosa Pilo, diferente da Pilo Messênia, estava situada em Trifília, entre as embocaduras do Alfeu, ao norte, e do Neda, ao sul.

Tendo assim falado, atou aos pés suas belas e imortais sandálias de ouro, que a levavam por sobre a imensidade da terra e das águas, tão veloz como o vento; tomou a forte lança de aguda ponta de bronze, pesada, comprida, inquebrável, com a qual ela, a filha de um pai poderoso, derruba fileiras de heróis, quando se encoleriza contra eles. Partiu, baixando desde os cumes do Olimpo, e deteve-se em Ítaca, no portal de Ulisses, no limiar do pátio, tendo na mão a lança de bronze: assumira o aspecto de um estranho, Mentes, chefe dos Táfios.[1] Encontrou aí os arrogantes pretendentes, sentados diante da porta, sobre peles de bois que haviam abatido, e entretidos a jogar com pedrinhas.[2] No meio deles, arautos e servos diligentes misturavam nas crateras o vinho e a água, ou então lavavam com esponjas muito porosas as mesas, que iam dispondo em frente de cada um, e trinchavam carne em abundância.

Telêmaco, de divinal beleza, foi quem primeiro nela atentou. Sentado entre os pretendentes, o coração repleto de amargura, via em espírito seu valoroso pai: pudesse ele regressar a seu solar, dar uma batida naqueles pretendentes, reassumir seus direitos senhoriais e reinar em seu palácio! Assim pensava Telêmaco, sentado no meio dos pretendentes, quando deu fé de Atena. Correu direito ao átrio, indignado, intimamente, por um estranho esperar tanto tempo à porta; e, aproximando-se dele, tomou-lhe a mão direita, recebeu a lança de bronze e, erguendo a voz, dirigiu-lhe estas palavras aladas: "Salve, estrangeiro, serás entre nós acolhido como amigo; vem primeiro jantar e, em seguida, nos dirás qual o motivo de tua vinda".

Assim falando, mostrava-lhe o caminho, e Palas Atena o seguia. Entrados que foram dentro da nobre mansão, ele foi colocar a lança num armeiro bem polido, ao pé de elevada coluna, onde se alinhavam muitas outras lanças pertencentes ao paciente Ulisses; em seguida, fez que a deusa se assentasse numa poltrona artisticamente trabalhada, sobre a qual estendera uma cobertura de linho, e colocou-lhe aos pés um escabelo. Quanto a si, ocupou uma cadeira ornada de mosaicos, longe dos pretendentes, receoso de que ao estrangeiro, imiscuído àqueles homens barulhentos e incomodado pela balbúrdia, não agradasse a refeição. Além disso, queria interrogá-lo sobre seu pai ausente. Uma serva, trazendo,

1 Os Táfios habitavam ao norte de Ítaca, em parte na costa ocidental da Acarnânia, e em parte na ilha situada a sudeste de Lêucade. Eram comerciantes e piratas.

2 Estas "pedrinhas" serviam de dados para um jogo que não conhecemos: amarelinha ou damas?

num belo jarro de ouro, água para se lavarem, derramou-a nas mãos de ambos, sobre uma bacia de prata, e colocou diante deles uma mesa polida. Uma digna governante serviu o pão e muitas iguarias das que tinha de reserva. O escudeiro trinchante colocou diante deles pratos de carnes sortidas e copos de ouro nos quais, repetidas vezes, o escanção se apressava a deitar vinho.

Entretanto, entraram os arrogantes pretendentes. Iam-se sentando por ordem nas cadeiras e nas poltronas; os arautos derramavam-lhes água sobre as mãos, as escravas atulhavam açafates de pão, e jovens servos encheram crateras de bebida até às bordas. Todos os convivas estenderam as mãos para as iguarias colocadas diante deles. Uma vez saciado o desejo de beber e de comer, os pretendentes não sentiram em seu coração nenhuma outra necessidade, senão a do canto e da dança, que são os ornamentos de um banquete. Um arauto pôs a mais bela cítara nas mãos de Fêmio, o qual, embora contrariado, cantava para os pretendentes. E, enquanto o aedo arrancava da cítara o prelúdio de um belo canto, Telêmaco disse a Atena de olhos brilhantes, aproximando a cabeça de sua orelha a fim de não ser ouvido pelos outros: “Caro hóspede, peço-te que não te irrites com as palavras que vou dizer. Repara nesses homens, que só se comprazem na cítara e no canto. Nada lhes custa, pois que vivem em casa alheia e devoram impunemente os bens de outrem, o patrimônio de um herói, cujos brancos ossos, talvez espalhados sobre a areia de uma praia, apodrecem à chuva, a não ser que rolem no mar, ao sabor da ondas. Ah! se o vissem regressar a Ítaca, todos eles desejariam possuir antes pés ligeiros do que abundância de ouro e de vestidos. Ele porém morreu, de morte lamentável, nem já nutro a esperança de tornar a vê-lo, seja quem for o habitante da terra que venha anunciar-me o seu regresso. O dia do regresso!... oh não! para ele não despontará. Mas responde-me com franqueza: Quem és? Donde vens? Qual a tua cidade? Onde residem teus pais? Em que navio chegaste? Como é que os marinheiros te trouxeram a Ítaca? E que marinheiros eram esses? Pois não penso que tenhas vindo até aqui por teu pé. Dize-me ainda sem nada ocultar, pois que preciso de tudo saber: é esta a primeira vez que vens cá ou eras hóspede de meu pai? É que muitos estrangeiros freqüentavam sua casa, e ele próprio era pessoa de muitas relações”.

Respondeu-lhe Atena, a deusa de olhos brilhantes: “Pois bem! vou falar-te sem rebuço. Declaro que sou Mentes, filho do prudente Anquíalo e sou chefe dos Táfios, amigos do remo. Vim aqui num navio, com a minha tripulação; sobre o vinoso mar navego em direção a um povo de falar

estranho, vou a Témesa[1] buscar bronze e levo para lá uma carga de reluzente ferro. O navio ficou ancorado longe da cidade, junto do campo, no porto de Reitro, que é dominado pelo nemoroso Neio.[2] Do mesmo modo que nossos pais, desde remotas eras, nós, Ulisses e eu, nos prezamos de ser hóspedes um do outro, como podes informar-te junto do velho herói Laertes, o qual, dizem, não vem mais à cidade, mas vive retirado no campo, vítima dos desgostos, em companhia de uma velha escrava, que lhe serve de comer e de beber, quando seus membros sucumbem à fadiga de se arrastar através da área de seu vinhedo. Eu vim hoje, por me haverem dito que teu pai voltara a casa. Mas vejo que os deuses lhe embargam o regresso. Pois que o divino Ulisses não morreu;[3] está vivo ainda, retido pelo vasto mar numa ilha cercada de ondas, cativo entre inimigos selvagens que o retêm à força. Sem ser adivinho nem conhecedor de presságios, quero, entretanto, neste momento, predizer-te o que os imortais me inspiram, na certeza de que isso se realizará. Ulisses não restará por muito tempo longe da pátria; mesmo que o retenham preso com cadeias de ferro, descortinará maneira de regressar, porque é homem de infinitos recursos. Mas, por tua vez, responde e fala com sinceridade: Ulisses tem já um filho tão crescido? Na realidade, a semelhança é perfeita: essa cabeça, esses belos olhos são os dele. Visitávamo-nos muitas vezes, antes de sua partida para Tróia, em companhia dos mais valentes dos Argivos em suas bojudas naus. Mas desde essa data não mais vi Ulisses, nem ele a mim".

O prudente Telêmaco fitou-o e retrucou-lhe: "Sim, meu hóspede, vou contar-te a verdade exata. Minha mãe afirma que sou filho dele. Quanto a mim, como poderei sabê-lo? Jamais alguém pôde verificar por si próprio seu nascimento. Por certo preferiria ser filho de um feliz mortal que chegasse à velhice na plena posse de seus bens. Mas àquele, de que sou filho, já que o desejas saber, coube a sina de ser o mais desditoso dos mortais".

1 "Témesa". Identificação impossível. Seria uma feitoria fenícia de Chipre ou da Itália meridional?

2 Reitro é um pequeno porto, que em nenhuma outra parte vem mencionado. O "nemoroso Neio" é um monte, ao qual só se faz alusão aqui e na Rapsódia III.

3 Traduz-se muitas vezes o epíteto *díos* por divino, e, de fato, em muitos casos, pode ser interpretado dessa maneira. Contudo, esse vocábulo não significa propriamente divino (*theios* é que tem exatamente esse sentido). *Díos* contém principalmente a idéia de luz e quer dizer: que possui uma qualidade em grau eminente (latim: *insignis*). Em certos passos, a tradução "divino" parece estranha, p. ex., "o divino porqueiro". Trata-se de um porqueiro, que se distingue por sua fidelidade e dedicação, de um porqueiro "egrégio", "excelente".

Atena, a deusa de olhos brilhantes, replicou: "Não penses que os deuses reservaram à tua linhagem um porvir inglório, pois que Penélope deu à luz um filho de tanto mérito como tu. Mas responde-me com toda a sinceridade: Que significa este festim? Para que esta multidão? Que necessidade tens destes homens? É um banquete, uma boda? Sim, porque refeição a escote decerto não é, e a insolência dos convivas ultrapassa, segundo me parece, todos os limites. Qualquer pessoa sensata, que a tua casa viesse, ficaria indignada perante semelhantes excessos".

Volveu-lhe o prudente Telêmaco: "Meu hóspede, já que me interrogas e queres ser informado, outrora esta casa era, sem dúvida, opulenta e irrepreensível, ao tempo em que o herói ausente ainda vivia na pátria. Mas os deuses, que nos querem mal, decretaram outra coisa e fizeram dele o mais invisível dos homens. Sua morte não me teria causado tanta tristeza, tivesse ele sido dominado juntamente com seus companheiros na terra dos troianos, ou nos braços dos amigos, depois de terminada a guerra. Os Panaqueus ter-lhe-iam erigido um túmulo, e ele teria legado a seu filho uma herança muito gloriosa. Agora, porém, as Harpias[1] arrebataram-no sem glória e ele partiu para o invisível e desconhecido, deixando-me apenas dor e lágrimas. Nem só a ele choro e lamento; porque os deuses preparam-me outros males e tristezas. Todos os nobres que reinam em nossas ilhas, em Dulíquio,[2] Same e na arborizada Zacinto; todos os príncipes da rochosa Ítaca, todos eles cortejam minha mãe e devoram meus bens familiares. Ela, sem recusar abertamente um matrimônio que lhe repugna, não se sente com forças para pôr fim a tal situação. Entretanto, eles consomem e devoram meus bens e dia virá em que também se desfarão de mim".

Compassiva, Palas Atena lhe replicou: "Quanto deves sofrer pela ausência de Ulisses! E como ele com suas mãos saberia castigar esses pretendentes sem-vergonha! Assomasse ele agora ao limiar de sua casa, armado de elmo e escudo e com duas lanças, tal como pela primeira vez o vi em nosso solar, bebendo e divertindo-se, quando regressava de Éfira,[3] do palácio de Ilo, filho de Mérmero, aonde fora, numa ligeira nau, em busca de veneno homicida para temperar o bronze de suas setas. Ilo, com

1 As Harpias (da mesma raiz que o verbo *harpádzo,* arrebatar) personificam a tempestade, que arrebata os marinheiros, sem que deixem vestígios de si.

2 Dulíquio parece designar a península Pale, na Cefalênia, da qual Same é a parte vizinha de Ítaca. Zacinto é uma ilha ao sul da Cefalênia, a oeste da Élida.

3 Éfira era, segundo toda verossimilhança, uma cidade da Tesprócia, situada a sudoeste do Epiro.

receio dos deuses sempiternos, negou-se a dar-lho, mas meu pai, que muito o amava, lho forneceu. Se esse Ulisses, tal como então o vi, agora retornasse e medisse forças com os pretendentes, breves seriam os dias de suas vidas e amargas as núpcias! Mas deixemos este porvir nos joelhos dos deuses: talvez ele volte para se vingar deles em seu solar, e talvez não torne a ser visto! Como quer que seja, toma ânimo e pensa nos meios de expulsar de tua casa os pretendentes. Vamos, presta atenção e pesa minhas palavras. Convoca, amanhã, na ágora, os heróis Aqueus, declara-lhes tua intenção, e invoca os deuses por testemunhas. Intima os pretendentes a se retirar para suas casas; tua mãe, se o coração a incita a se casar, que retorne ao solar de seu pai, que dispõe de grandes posses: cabe aos pretendentes custear a boda e trazer em grande quantidade os presentes que se devem dar ao pai para dele obter a mão da filha. Quero dar-te um prudente conselho, que, assim o espero, seguirás. Equipa o melhor de teus navios com vinte remadores e vai colher informações acerca de teu pai, há tanto tempo ausente. Talvez algum mortal te fale dele, ou, quem sabe, ouvirás algum desses rumores provenientes de Zeus, que, as mais das vezes, disseminam as notícias entre os homens. Em primeiro lugar, dirige-te a Pilo e interroga o venerável Nestor; dali, segue para Esparta, ao palácio do louro Menelau: é ele o último dos Aqueus de êneas couraças que regressou. Se te disserem que teu pai está vivo, e de volta à pátria, mostra-te firme ainda um ano, por duros que sejam teus sofrimentos; mas, se ouvires dizer que morreu, que deixou de existir, volta para a terra natal, erige-lhe um túmulo, rende-lhe todas as honras fúnebres rituais e dá um esposo a tua mãe. Depois de cumpridos estes deveres, cogita em teu espírito e em teu coração na maneira de matar os pretendentes em tua casa, quer servindo-te de manha, quer às claras. Põe de lado os divertimentos infantis, que já não tens idade para isso. Ignoras acaso o grande renome que no mundo inteiro alcançou o nobre Orestes, desde o dia em que fez perecer o pérfido Egisto, o assassino de seu ilustre pai? Também tu, amigo, belo e esbelto, como te vejo, sê corajoso, para que teus descendentes mais remotos te louvem. Quanto a mim, vou retornar a meu navio ligeiro, para junto de meus companheiros, que devem estar impacientes de tanto esperar por mim. Pensa em minhas palavras, medita meus conselhos".

O prudente Telêmaco volveu-lhe: "Hóspede, o afeto inspira teus conselhos, como os de um pai a seu filho; jamais os esquecerei. Mas espera um pouco. Estás assim tão apressado? Depois de teres tomado banho e reconfortado teu coração, voltarás para o navio, de ânimo alegre, levan-

do um presente magnífico, precioso, que guardarás como recordação de mim, qual o que os hospedeiros costumam dar aos hóspedes amigos que recebem em sua casa".

Atena, a deusa de olhos brilhantes, replicou-lhe: "Não me detenhas por mais tempo, que tenho pressa em partir. O presente, que teu coração te impele a me oferecer, dá-lo-ás no regresso, para que eu o leve para casa; escolhe-o bem valioso, tal que te torne digno de receber de mim outro de igual valia".

Tendo assim falado, Atena de olhos brilhantes ergueu vôo para o alto, como ave, e desapareceu no espaço.[1] Depositara ela no coração de Telêmaco decisão e ousadia, reavivando-lhe, além disso, a lembrança de seu pai. Entrando a refletir, ele ficou surpreso de pasmo, compreendendo que o hóspede era um deus. Imediatamente voltou para junto dos pretendentes, andando como um deus.

Um ilustre aedo cantava no meio deles, que, sentados, o escutavam em silêncio. Cantava o desastroso regresso dos Aqueus, as provações que Palas Atena lhes infligira, ao partirem de Tróia. O canto inspirado penetrou no coração da sensata Penélope, filha de Icário, que se encontrava no andar superior da casa. Pelo que, desceu do aposento, pela alta escadaria, não sozinha, mas seguida de duas camareiras. E, quando a nobre mulher, o rosto coberto de precioso véu, chegou junto dos pretendentes, deteve-se à entrada da sala de sólido teto, com uma escrava atenta de cada lado. Então, chorando, disse ao aedo divino: "Fêmio, que conheces tantos outros cantos que deliciam os mortais, tantas aventuras de homens ou de deuses, entoadas pelos aedos, senta-te e canta-lhes uma dessas façanhas, enquanto eles, em silêncio, vão bebendo vinho; mas põe fim a essa triste rapsódia, que sempre me tortura o íntimo do coração, desde que sobre mim veio um luto inconsolável. Grande é a saudade que sinto de um ente tão querido, e inextinguível a recordação do herói, cuja glória se espalha ao longe através da Hélade e paira sobre Argos".

O prudente Telêmaco lhe respondeu: "Minha mãe, por que proíbes que o fiel aedo nos encante ao sabor de sua inspiração? Culpados não são

1 Têm sido propostas diversas traduções da expressão *an'opáia:*

1) como sendo a ave anopaia (gaivota?);

2) passando pelo *opáion*, orifício através do qual escapava o fumo; nesse caso dever-se-ia escrever *an opáia;*

3) "sem ser visto", e a palavra seria um advérbio (Herodiano): "Como ave que desaparece dos olhos".

os aedos, culpado é Zeus, que decide, segundo lhe apraz, a sorte dos infortunados homens. Não há por que nos indignarmos, se Fêmio canta o funesto destino dos Dânaos, pois o canto que os homens mais admiram é sempre o mais recente. Portanto, que teu ânimo e teu coração tenham a coragem de escutá-lo. Ulisses não foi o único que, em Tróia, perdeu o dia do regresso: muitos outros mortais aí pereceram. Recolhe-te a teu aposento, retoma teus trabalhos, o tear e a roca, ordena às camareiras que voltem a suas ocupações; cabe aos homens o uso da palavra, a mim principalmente, que sou quem governa em casa".

Ela, tomada de admiração, recolheu-se a seu aposento, levando guardadas no coração as sábias palavras do filho, e depois de ter subido ao andar superior em companhia das camareiras, continuava chorando Ulisses, o esposo querido, até o momento em que Atena de olhos brilhantes lhe verteu nas pálpebras o agradável sono. Os pretendentes gritavam na sala invadida pela sombra, espicaçados pelo desejo de se deitarem junto dela.

Mas o prudente Telêmaco, dirigindo-se a eles, tomou a palavra: "Pretendentes de minha mãe, que tão audazes vos mostrais, saboreemos neste momento o prazer do festim. Cessem os gritos, porque é agradável escutar um aedo como este, cuja voz iguala a dos deuses. Mas, ao romper da aurora, reunamo-nos todos na ágora; é meu intento declarar-vos sem rebuço minha decisão: abandonai este palácio; procurai alhures outros festins; consumi os bens que vos pertencem, visitando-vos reciprocamente uns aos outros. Se achais preferível e mais cômodo consumir impunemente o patrimônio de um só homem, ide, devorai tudo, que eu erguerei meu clamor aos deuses imortais, para que, um dia, Zeus permita a expiação de vossos crimes: podereis então perecer dentro deste palácio, sem terdes quem vos vingue".

Assim falou, e todos, mordendo os lábios, admiravam a audácia com que Telêmaco se exprimira. Retrucou-lhe Antino, filho de Eupites: "Telêmaco, sem dúvida são os deuses que te ensinam a altear o tom e a falar com tamanho entono; mas que o filho de Crono não consinta que venhas a reinar em Ítaca, circundada pelas ondas, muito embora a isso tenhas direito por nascimento!"

O prudente Telêmaco retorquiu-lhe: "Antino, mesmo com o risco de excitar tua cólera, falarei. Por certo, sentir-me-ia feliz em assumir essa realeza, se Zeus ma outorgasse. Pensas acaso que reinar é o pior dos destinos? Não. Reinar não é um mal; imediatamente a casa do rei se torna opulenta e ele passa a ser mais honrado. Decerto existem outros

príncipes Aqueus em Ítaca circundada pelas ondas, jovens e anciãos. Se, de fato, o nobre Ulisses morreu, um deles possuirá este reino; mas pelo menos de nossa casa, e dos servos que o ilustre Ulisses capturou para mim, o senhor serei eu".

Então lhe respondeu Eurímaco, filho de Políbo: "Telêmaco, esse porvir repousa sobre os joelhos dos deuses: eles decidirão qual, de entre os Aqueus, reinará em Ítaca circundada pelas ondas. Quanto a ti, goza de teus bens e governa em tua casa; e que ninguém venha arrancar-te à força, contra tua vontade, o teu patrimônio; tal não acontecerá, enquanto houver homens em Ítaca. Mas, meu caro, desejo interrogar-te acerca de teu hóspede: donde veio esse homem? De que terra se gloria de ser? Onde sua família e torrão natal? Trouxe alguma notícia do regresso de teu pai? Ou veio acaso exigir o pagamento de alguma dívida? Como se retirou apressado, sem dar tempo a que o ficássemos conhecendo! No entanto, seu aspecto não deixava de ser agradável".

O prudente Telêmaco lhe respondeu: "Eurímaco, não se fala mais do regresso de meu pai. Não dou já crédito às notícias que me possam trazer, nem presto atenção a nenhuma profecia, quando minha mãe chama a palácio um adivinho, a fim de o interrogar. A pessoa, de quem falas, é hóspede de nossa família, natural de Tafos; declara ser Mentes, filho do prudente Anquíalo; é rei dos Táfios, amigos do remo".

Telêmaco assim falou; mas, em seu espírito, tinha reconhecido nele uma deusa imortal. Os pretendentes, enquanto não chegava a noite, entregaram-se aos prazeres da dança e das canções divertidas; e enquanto se distraíam, sobrevieram as sombras da noite, até que se retiraram cada um para sua casa, para se deitarem.

Telêmaco acolheu-se ao pátio de honra, no local descoberto onde estava edificado seu alto aposento. Enquanto se dirigia para o leito, debatia muitos planos em seu espírito. Precedia-o uma cuidadosa escrava, com archotes acesos, Euricléia, filha de Ops, filho de Pisenor, a qual, quando jovem, Laertes comprara outrora com o produto de seus bens, pelo preço de vinte bois, e a quem sempre honrou em palácio tanto como a sua nobre esposa, sem nunca a ter admitido no leito, para não despertar o ciúme de sua mulher. Euricléia, de todas as escravas a mais querida de Telêmaco, pois o criara em pequenino, acompanhava-o, levando os archotes acesos.

Ele abriu a porta do aposento solidamente construído, sentou-se no leito, despiu a túnica macia, que depôs nos braços da diligente anciã. Esta, depois de tê-la dobrado cuidadosamente e pendurado num

cabide junto da armação do leito artisticamente perfurada,[1] saiu do aposento, fechou a porta com o anel de prata,[2] em seguida correu a tranqueta, retesando a correia. Então Telêmaco, coberto com um velo de ovelha, meditou, a noite inteira, na viagem que Atena lhe tinha aconselhado.

1 Estes orifícios eram praticados na madeira da armação da cama, e destinavam-se a receber as correias. Telêmaco dormia portanto num leito de correias.

2 Um anel metálico, fixado na face exterior da porta, permitia que as pessoas puxassem por esta. A porta fechava-se mediante um ferrolho interior, de madeira ou de metal, sustido por dois grampos, e a extremidade do qual se encaixava num orifício da parede. Para fechar a porta do lado de fora, puxava-se uma correia que passava através do batente e fazia que o ferrolho deslizasse na cavidade, e, em seguida, prendia-se a correia ao anel exterior. Para abrir a porta, soltava-se a correia, depois abaixava-se o ferrolho por meio de uma "chave" em forma de gancho.